

E Joachim ben Mad? não foi ele, talvez, o inspirador do crime? o carrasco sem fé que a todos atraígoa? Com que horrenda aflição pagará seus delitos?

— Foge de condenar, Joachim vai viver...

— E Amós, o falso Amós, que ganhou por vender-nos?

— Olvidemos Amós, porque Amós vai viver...

— E Herodes, o rei vil, que nos condena à morte, fingindo ignorar que servimos a Deus?

Mas Jesus, sem turvar os olhos generosos, explicou simplesmente:

— Repito-te, outra vez, que quem fere, ante a lei será também ferido... A quem pratica o mal, chega o horror do remorso... E o remorso voraz possui bastante fel para amargar a vida... Nunca te vingues, Pedro, porque os maus viverão e basta-lhes viver para se alçarem à dor da sentença cruel que lavram contra eles mesmos...

Simão baixou a face banhada de pranto, mas ergueu-a em seguida, para nova indagação...

O Senhor, entretanto, já não mais ali estava. Na laje do chão só havia o silêncio que o luar renascente adornava de luz...



O Anjo, o Santo e o Pecador

O Pecador escutava a orientação de um Santo, que vivia, genuflexo, à porta de templo antigo, quando, junto aos dois, um Anjo surgiu na forma de homem, travando-se breve conversação entre eles.

O ANJO — Amigos, Deus seja louvado!

O SANTO — Louvado seja Deus!

O PECADOR — Louvado seja!

O ANJO (Dirigindo-se ao Santo) — Vejo que permaneceis em oração e animo-me a solicitar-vos apoio fraternal.

O SANTO — Espero o Altíssimo em adoração, dia e noite.

O ANJO — Em nome d'Ele, rogo o socorro de alguém para uma criança que agoniza num lupanar.

O SANTO — Não posso abeirar-me de lugares impuros...

O PECADOR — Sou um pobre penitente e posso ajudar-vos, senhor.

O ANJO — Igualmente, agora, desencarnou infortunado homicida, entre as paredes do cárcere... Quem me emprestará mãos amigas para dar-lhe sepulcro?

O SANTO — Tenho horror aos criminosos...

O PECADOR — Senhor, dispõe de mim.

O ANJO — Infeliz mulher embriagou-se num

bar próximo. Precisamos removê-la, antes que a morte prematura lhe arrebate o tesouro da existência.

O SANTO — Altos princípios não me permitem respirar no clima das prostitutas...

O PECADOR — Dai vossas ordens, senhor!

O ANJO — Não longe daqui, triste menina, abandonada pelo companheiro a quem se confiou, pretende afogar-se... E' imperioso lhe estenda alguém braços fortes para que se recupere, salvando-se-lhe também o pequenino em vias de nascer.

O SANTO — Não me compete buscar os delinquentes senão para corrigi-los.

O PECADOR — Determinai, senhor, como devo fazer.

O ANJO — Um irmão nosso, viciado no furto, planeja assaltar, na presente semana, o lar de viúva indefesa... Necessitamos do concurso de quem o dissuada de semelhante propósito, aconselhando-o com amor.

O SANTO — Como descer ao nível de um ladrão?

O PECADOR — Ensinai-me como devo falar com ele.

Sem vacilar, o Anjo tomou o braço do Pecador prestativo e ambos se afastaram, deixando o Santo em meditação, chumbado ao solo.

.....

Enovelaram-se anos e anos na roca do tempo, que tudo alterara. O átrio mostrava-se diferente. O santuário perdera o aspecto primitivo e a morte despojara o Santo de seu corpo macerado por cilício e jejum, mas o crente imaculado aí se mantinha em Espírito, na postura de reverência.

Certo dia, sensibilizando mais intensamente as

antenas da prece, viu que alguém descia da Altura, a estender-lhe o coração em brando sorriso.

O Santo reconheceu-o.

Era o Pecador, nimbado de luz.

— Que fizeste para adquirir tanta glória? — perguntou-lhe, assombrado.

O ressurgido, afagando-lhe a cabeça, afirmou simplesmente:

— Caminhei.

